

AS ABORDAGENS DAS CORRENTES DE PENSAMENTO GEOGRÁFICO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Auro de Jesus Rodrigues¹ | José Adailton Barroso da Silva²
Rita de Cássia Amorim Barroso³ | José Daniel Vieira⁴



RESUMO

A partir da metade do séc. XX surgem movimentos de renovações da Geografia. Esses movimentos ou correntes não possuem uma unidade, mais abordagens opostas. Tal fato decorre da diversidade de métodos de interpretação e posicionamentos políticos, ideológicos e filosóficos dos autores que compõe as correntes. Essa renovação vai provocar a reflexão dos geógrafos sobre a natureza da Geografia, a reformulação dos seus fundamentos científicos e filosóficos e a busca de novos caminhos para a mesma. Assim sendo, o presente trabalho consiste num estudo sobre as abordagens das correntes de pensamento geográfico para o ensino de geografia.

PALAVRAS-CHAVE

Correntes de pensamento. Ensino. Geografia.

ABSTRACT

From the mid-twentieth century renewals of Geography movements arise. These movements or currents do not have a unit, more opposite approaches. This is due to the diversity of methods of interpretation and political, ideological and philosophical authors composing current positions. This renewal will provoke reflection about the nature of geographers of Geography, the reformulation of its scientific and philosophical foundations and the search for new paths to the same. Thus, the present work is a study on the approaches of current geographical thought for teaching geography.

KEYWORDS

Currents of Thought. Education. Geography.

1 INTRODUÇÃO

Na história do pensamento geográfico, uma das tarefas que mais exigiu esforços teóricos dos estudiosos e que polemizou o debate político em torno desse campo de conhecimento, foi a definição de seu objeto de estudo.

O desenvolvimento da ciência geográfica passou por diferentes momentos, gerando reflexões distintas acerca dos objetos e métodos do fazer geográfico. De certa forma, essas reflexões influenciaram e ainda influenciam muitas das práticas de ensino.

A Geografia a cada momento é exigida como ciência capaz de analisar a (re) produção do espaço geográfico, cabendo dessa forma, o comprometimento do profissional que abraça esse ramo do conhecimento.

Com as grandes mudanças da sociedade e o novo momento pedagógico, que se revelam, têm determinado a necessidade de rever a concepção da Geografia como ciência e de repensar seu objeto de estudo e seus processos investigativos.

Pode-se dizer que aqueles que “fazem geografia” têm uma missão a realizar. Não somente buscar compreender o mundo, mas, também, buscar soluções para os diversos problemas, seja eles sociais e ambientais. É necessário o compromisso do profissional de geografia que abraça esse campo do conhecimento.

É importante destacar que não há a neutralidade política e o fim das ideologias, cabe ao geógrafo, como educador e pesquisador, ficar atento e manter-se numa postura crítica, em relação ao “saber geográfico” e ao “fazer geográfico”, como ele é produzido e para quem vai servir o seu vínculo com as relações de poder e de classes.

Assim sendo, o presente trabalho consiste num estudo sobre as abordagens das correntes de pensamento geográfico para o ensino de geografia.

Elaborado por meio de uma pesquisa bibliográfica, por membros do Grupo de Pesquisa Sociedade, Educação, História e Memória(UNIT).

2 O SURGIMENTO DA GEOGRAFIA CONTEMPORÂNEA

Na metade do séc. XX, a Geografia Tradicional entra em declínio devido às transformações que vinha passando o mundo. Segundo Moraes (1987, p. 93), esse declínio começa a se apresentar em meados da década de cinquenta e, na década de setenta, a Geografia Tradicional encontra-se quase que praticamente extinta. Dessa última década em diante o que irá sobreviver dessa Geografia serão resquícios de um passado já superado.

Andrade (1987, p. 96), enfatiza que os geógrafos, diante do esgotamento da geografia tradicional, passaram a procurar novos caminhos, ora por meio da atualização dos princípios gerais da geografia tradicional, ora por meio do rompimento definitivo com ela, criando uma “nova” geografia. Os geógrafos foram chamados a dar uma contribuição à reconstrução do pós-guerra e compreenderam que esta contribuição não poderia ser a partir dos métodos e das técnicas utilizadas pela Geografia Tradicional, que se limitava a observar, a descrever e a explicar paisagem, utilizando o “olho clínico”, não usando de técnicas que levassem a ultrapassar a aparência da paisagem, os elementos “invisíveis” na elaboração da paisagem.

A visão, na Geografia Tradicional, de um mundo onde os fatos aconteciam naturalmente, desprovidos de ideologias e de interesses políticos, da neutralidade científica marcada pelo positivismo, passou a ser questionada. A Geografia Tradicional, com seus métodos e técnicas, não davam mais conta da descrição, representação e explicação dos fenômenos da superfície terrestre.

A partir da metade do séc. XX surgem movimentos de renovações da Geografia. Esses movimentos ou correntes não possuem uma unidade, apresentam propostas de renovação da geografia, muitas vezes, opostas, de uma corrente para outra. Tal fato decorre da diversidade de métodos de interpretação, que são utilizados para a explicação da realidade e de posicionamentos (políticos, ideológicos, filosóficos etc.) dos autores que compõe as correntes.

Essa renovação vai provocar a reflexão dos geógrafos sobre a natureza da Geografia, a reformulação dos seus fundamentos científicos e filosóficos e a busca de novos caminhos para a Geografia.

Podem-se agrupar as correntes geográficas de renovação, em nível esquemático, em: Geografia Teórico-Quantitativa, fundamentada no neopositivismo; Geografia

da Percepção e do Comportamento, com grande viés para a fenomenologia; Geografia Ecológica, sem um viés filosófico explícito; e, Geografia Crítica ou Radical, sob as bases da dialética materialista.

2.1 A GEOGRAFIA TEÓRICO-QUANTITATIVA

Essa corrente destacou-se por utilizar, em larga escala, modelos matemático-estatísticos. Rompeu com a Geografia Tradicional e se apresentou como “Nova Geografia”, sem ligações com o pensamento tradicional. Condenou o uso de excursão e das aulas práticas de campo por achar desnecessária a observação e descrição da realidade empírica, buscando substituir o campo pelo laboratório, onde seriam feitos as medições matemáticas, os gráficos e tabelas sofisticadas, procurando visualizar os fenômenos geográficos por meio de desenhos e diagramas. Uma vertente dessa corrente intitulou-se de Teórica para romper qualquer vínculo com os trabalhos empíricos, comprometendo-se com a reflexão teórica (ANDRADE, 1987, p. 107).

A corrente Teórico-Quantitativa desenvolveu-se inicialmente na Suécia, nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha. No Brasil, teve difusão, principalmente, nas décadas de 1960 e 1970.

O contexto histórico em que surgiu a corrente Teórico-Quantitativa foi caracterizado pela intensa urbanização, industrialização e expansão de capital, gerando modificações profundas na organização espacial mundial. Essas modificações inviabilizaram as explicações a partir dos fundamentos teóricos e técnicos utilizados pela Geografia Tradicional, propiciando, assim, o surgimento da Nova Geografia, a qual vai se utilizar, frequentemente, de técnicas estatísticas e matemáticas, o emprego da geometria e de modelos normativos. Por essa razão, passou a ser conhecida como Geografia Quantitativa ou Teórica, ou melhor, Geografia Teórico-Quantitativa.

Duas obras importantes que se destacam nesse movimento renovador: *Exceptionalism in Geography*, de Fred K. Shaerfer, de 1953 e *Theoretical Geography*, de William Bunge, publicada em 1962. Também, podem ser citados os autores: Brien Barry, Peter Haggett, Michael Chisholm e Richard Chorley, que realizaram diversos trabalhos contribuindo para a difusão da Geografia Teórico-Quantitativa.

Para Moraes (1987, p. 100-101), os autores defensores da Geografia Teórico-Quantitativa vão propor um estudo voltado para o planejamento, para o futuro, que instrumentalize uma Geografia aplicada. O intuito geral é o de buscar novas técnicas e uma nova linguagem, que possibilite dar conta das novas tarefas postas pelo planejamento do Estado e do capital. Se a Geografia Tradicional contribuiu para um conhecimento que levanta informações para a expansão das relações capitalistas, agora, com a Geografia Teórico-Quantitativa, busca-se um saber que orienta essa expansão, fornecendo opções e orientando estratégias de alocação do capital no espaço terrestre.

Ainda, o autor considera que o pensamento geográfico Teórico-Quantitativo e o Tradicional possuem na realidade uma continuidade, dada por seu conteúdo de classe, ou seja, elaboração de instrumentos práticos e ideológicos da burguesia. Assim, poderia se chamar de renovação conservadora da Geografia, já que, também nessa geografia, ocorre a passagem do positivismo clássico para o neopositivismo.

Portanto, na Geografia Teórico-Quantitativa, troca-se o empirismo da observação direta por um empirismo mais abstrato, dos dados filtrados pela estatística. Da contagem e enumeração direta dos elementos da paisagem, para as médias, os índices e os padrões. Da descrição dos fenômenos em campo, para as correlações matemáticas expressas em índices. Assim, a corrente Teórico-Quantitativa seria uma forma de contemporaneizar a Geografia, uma atualização técnica e linguística, sendo um rompimento ou na verdade, uma crítica superficial à Geografia Tradicional.

É importante ressaltar que a falta de teorias, na Geografia Tradicional, foi criticada por inúmeros geógrafos. Por essa razão, a Nova Geografia procurou estimular o desenvolvimento de teorias relacionadas com as características da distribuição e arranjo espaciais dos fenômenos. Também, buscou a abordagem sistêmica na geografia como instrumento conceitual, que lhe facilita tratar dos conjuntos complexos, como os da organização espacial. A preocupação em focalizar as questões geográficas sob a perspectiva sistêmica favoreceu e dinamizou o desenvolvimento da Nova Geografia. A aplicação da teoria dos sistemas aos estudos geográficos serviu para melhor focalizar as pesquisas e para delinear com maior exatidão o setor de estudo desta ciência.

Para Moraes (1987, p. 108-109), a Geografia Teórico-Quantitativa propõem uma tecnologia de intervenção na realidade. É uma arma de dominação, para os detentores do Estado. É constituída de um conjunto de técnicas, que se transforma em ideologia. Nas sociedades capitalistas, auxilia o domínio dos capitalistas, orientando a alocação de capital no espaço e gerando informações para expansão das relações capitalistas de produção. Considera esta geografia como um instrumento da dominação burguesa. Um instrumento a serviço do Estado capitalista.

2.2 A GEOGRAFIA DO COMPORTAMENTO E DA PERCEPÇÃO

Essa corrente de pensamento, também surgiu nos fins da década de 1960 e no início da de 1970. A Geografia do Comportamento e da Percepção vem tendo grande desenvolvimento nos países anglo-saxões e menor nível no Brasil.

De modo geral pode-se admitir que nessa corrente o geógrafo realiza estudos para caracterizar como o indivíduo tem a percepção do lugar; procura valorizar a experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares. Para cada indivíduo, para cada grupo humano, existe uma visão do mundo, que se expressa por meio das suas atitudes e valores

para com o quadro ambiente. O lugar é aquele em que o indivíduo se encontra ambientado, no qual está integrado. Ele faz parte do seu mundo, dos seus sentimentos e afeições.

A Geografia do Comportamento e da Percepção busca estudar como os homens percebem o espaço por eles vivenciado, como percebem e como reagem frente às condições da natureza ambiente, e como este processo se reflete na ação sobre o espaço. Os seguidores desta corrente de pensamento, na geografia, tentam explicar a valorização subjetiva do território, a consciência do espaço vivenciado, o comportamento em relação ao meio. Em seus estudos fazem uso de instrumentais desenvolvidos pela psicologia. As pesquisas abordam temas como: o comportamento do homem urbano em relação aos espaços de lazer; as atitudes frente a novas técnicas de plantio, numa determinada comunidade rural (MORAES, 1987, p. 106).

As ideias defendidas por geógrafos do mundo anglo-saxão, como David Lowenthal, Yi-Fu Tuan e Anne Buttimer, tiveram repercussões no Brasil, onde a professora Livia de Oliveira, traduzindo a obra de Yi-Fu Tuan, tornou-se a maior defensora dos fundamentos da Geografia do Comportamento e da Percepção (ANDRADE, 1987, p. 112).

Segundo Andrade (1987, p. 114), a Geografia da Percepção e do Comportamento encontra-se em ascensão; isto porque ela não contesta a ordem estabelecida. Ela não é contestatória frente à ordem dominante. Esta corrente tem grande campo de ação, participando de uma luta em defesa do meio ambiente, defendendo a criação de parques e reservas florestais; a preservação de bairros históricos; desenvolvem campanhas de ensinamentos que mostram a importância destas medidas, embora sem ir ao cerne do problema, sem contestar o sistema econômico que, para sobreviver, necessita degradar e destruir a natureza.

Amorim Filho (1999) esclarece que a atividade geográfica, desde suas origens mais pretéritas, foi realizada pelas percepções ambientais de seus praticantes. A partir do final dos anos sessenta buscou-se um resgate e uma nova valorização dessa maneira de explorar os lugares e paisagens da Terra.

Atualmente, muito são os temas trabalhados pela geografia da percepção e do comportamento, ou por essas novas orientações geográficas, como nas linhas de: qualidade ambiental; paisagens valorizadas; riscos ambientais; representações do mundo; imagens de lugares distantes; história das paisagens; relações entre as artes, as paisagens e os lugares; espaços pessoais; construção de mapas mentais; percepção ambiental e planejamento (AMORIM FILHO, 1999). E, ainda, cultura e paisagem; e, religião.

2.3 A GEOGRAFIA ECOLÓGICA

O crescimento desordenado e os problemas sociais decorrentes do capitalismo começaram a preocupar os geógrafos, nos fins da década de 1960 e no início da de

1970, quando ficou evidenciado que, em escala mundial, o crescimento não beneficiara os países subdesenvolvidos e em escala nacional e local não corrigira e nem atenuara as desigualdades sociais, aumentando a pobreza nos países, principalmente, subdesenvolvidos. Os programas desenvolvimentistas e os avanços do capitalismo aumentaram a distância entre as condições de vida da população dos vários Estados e, em nível nacional, fizeram crescer a pobreza e a miséria, principalmente no Terceiro Mundo, tornando problemáticas as condições de vida nas grandes cidades. O uso cada vez maior de tecnologias avançadas aumentava as rendas das grandes empresas capitalistas e acelerava o processo de exploração e destruição do meio ambiente (ANDRADE, 1987, p. 111).

Diante deste contexto, os geógrafos passaram, também, a preocuparem-se com o problema do meio ambiente, realizando inúmeras pesquisas mais amplas, a respeito do meio ecológico, passaram a aplicar seus conhecimentos especializados, levando em consideração o impacto dos elementos naturais quando influenciados pela sociedade sobre o meio ambiente (ANDRADE, 1987, p. 119).

Na corrente da Geografia Ecológica não há uma identidade ideológica entre os vários geógrafos sobre as soluções a serem dadas aos impactos destrutivos ao meio ambiente, mas em comum eles defendem a preservação da natureza e combatem a política desenvolvimentista, de interesse principalmente capitalista, que vem financiando a devastação da vegetação natural, feita de forma indiscriminada, e a implantação de indústrias altamente poluidoras, sem a utilização dos mecanismos que neutralizem os efeitos poluentes, e a degradação das condições de vida e de alimentação das populações (ANDRADE, 1987, p. 121).

É importante, na corrente da Geografia Ecológica, destacar alguns autores que contribuíram, com seus estudos e publicações, para a formação desse movimento renovador na geografia, como: Jean Tricart, geógrafo francês e um dos reformuladores da geomorfologia, utilizando o método dialético, trabalhou muito o Terceiro Mundo e publicou um livro que dá a visão global de uma geografia ecológica – *L'Ecogeographie*. Paskoff, com observações em áreas desérticas ou em processo de desertificação, publicou um livro de caráter geográfico sobre o assunto – *Geographie de l'environnement*. No Brasil o geomorfólogo Aziz Nacib Ab'Sber, após anos de trabalho e pesquisa em todo o Brasil, passou a militar como cientista e cidadão na luta em favor do respeito às condições ecológicas, dando entrevistas nas cadeias de rádio e televisão, publicando notas e artigos em jornais e escrevendo ensaios importantes sobre os problemas ecológicos (ANDRADE, 1987, p. 119-120).

2.4 A GEOGRAFIA CRÍTICA OU RADICAL

Outra tendência, nos estudos geográficos, que se iniciou na década de 1970, está relacionada com a Geografia Crítica ou Radical. Em virtude do ambiente contes-

tatório nos Estados Unidos, em função da guerra do Vietnã (nos anos sessenta), da luta pelos direitos civis (em diversos países), da crise da poluição e da urbanização, da pobreza nos países do Terceiro Mundo. Vários adjetivos são utilizados para caracterizá-la, tais como Geografia Crítica, Geografia Radical, Geografia Social, Geografia Marxista, Geografia Nova.

Essa nova corrente considerava que não bastava explicar o mundo, era preciso transformá-lo. Assim, a Geografia ganhou conteúdos políticos que passaram a ser significativos na formação do cidadão. Os conteúdos teóricos e metodológicos dessa Geografia tiveram grande influência na produção científica das últimas décadas. Para o ensino de geografia, essa perspectiva trouxe uma nova forma de interpretar as categorias geográficas: espaço, território, região, paisagem, lugar e influenciou, a partir dos anos 1980, uma série de propostas curriculares voltadas para uma nova abordagem no ensino nas escolas e universidade.

Essas novas propostas foram centradas, principalmente, em questões referentes a explicações econômicas e a contradições de classes sociais na produção e reprodução do espaço geográfico, considerando a apropriação e utilização dos recursos naturais pela sociedade. Essas novas propostas de estudos, fundamentavam-se, principalmente, no materialismo histórico e na dialética marxista.

Segundo Moraes (1987, p. 117), a Geografia Crítica tem suas raízes na ala mais progressista da Geografia Regional francesa. Foi Jean Dresch que aparece no seio desse movimento, como um exemplo único de afirmação de um discurso político crítico (Dresch escreve suas obras nas décadas de 1930 e 1940). Esta ala da Geografia Regional vai progressivamente se inteirando do papel dos processos econômicos e sociais, no direcionamento da organização do espaço. Dessa forma, abre uma discussão mais política na análise geográfica.

A Geografia Crítica ou Radical advém de uma postura crítica frente, principalmente, à Geografia Tradicional e a Geografia Teórico-Quantitativa. São os geógrafos que se posicionam por uma transformação da realidade social, pensando o saber como uma arma de luta e transformadora. São os geógrafos, pesquisadores e professores, que assumem o conteúdo político de conhecimento científico, propondo uma Geografia Crítica militante, que lute por uma sociedade mais justa. São os que utilizam a análise geográfica como um instrumento de libertação do homem (MORAES, 1987, p. 112).

É importante destacar, segundo Moraes (1987, p. 114), o autor que formulou a crítica mais radical à Geografia Tradicional foi, sem dúvida, Yves Lacoste, em seu livro *A Geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra*. Lacoste argumenta que existe uma Geografia dos Estados-Maiores que tem função estratégica de conhecer o espaço para organizá-lo a partir e a serviço dos interesses geopolíticos (nacionais ou de grupos). E que existe também uma Geografia dos Professores, seria a que foi deno-

minada de tradicional. Esta repassa para os alunos, por meio dos conteúdos escolares, um saber inútil que descreve lugares, enumera informações, sem dar-lhes o significado que realmente possuem. O estudo da Geografia na escola, nesta perspectiva, atua mais para obscurecer o valor estratégico de saber pensar o espaço geográfico e os interesses da Geografia dos Estados-Maiores. A Geografia dos professores serve para levantar, de uma forma camuflada, dados para a Geografia dos Estados-Maiores.

No Brasil, com grande repercussão foram as obras de Milton Santos. Este autor, preocupado em dar à Geografia contemporânea um instrumental teórico-metodológico capaz de realizar uma leitura crítica do mundo, perseguiu, de forma obstinada, a construção e reconstrução de conceitos e categorias analíticas que dessem, às Geografias, visibilidade de método. Comprometido com uma visão totalizadora e dinâmica das transformações da sociedade, construiu um de seus conceitos-chave para a geografia, o de Formação Sócio-espacial.

Milton Santos, em seu livro, *Por uma Geografia nova*, expressa uma proposta geral para o estudo geográfico, sendo um livro de conteúdo normativo. Nesse trabalho tenta dar uma resposta para a questão primordial: o que é Geografia. Assim argumenta que é necessário discutir o espaço social e ver a produção do espaço como o objeto. Este espaço social, *objeto da geografia*, é histórico, obra do trabalho e morada do homem. No capitalismo, a organização espacial é imposta pelo ritmo da acumulação capitalista criando espaços geográficos diferenciados, mas interligados. A produção do espaço geográfico, no capitalismo, é seletiva. Seu traço geral é a desigualdade, escolhe áreas, estabelece uma divisão territorial do trabalho, impõe uma hierarquização dos lugares, pela dotação diferenciada dos equipamentos (MORAES, 1987, p. 122-125).

A Geografia Crítica é uma frente em que convivem propostas díspares, mas em suas diferenciadas orientações assumem a perspectiva popular, a da transformação da ordem social. Buscam uma Geografia mais generosa e um espaço geográfico mais justo (MORAES, 1987, p. 126-127).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia, nos dias atuais, é considerada uma ciência que estuda o espaço social. Dentro do espaço geográfico são trabalhadas categorias, como: paisagem, lugar, região, território, fundamentais para a análise geográfica. Todavia, o espaço é a categoria mais abrangente da Geografia. Esse espaço é estudado no contexto da relação sociedade-natureza.

Assim sendo, é necessário que o ensino de Geografia possibilite, ao aluno, a análise e a crítica das relações socioespaciais, nas diversas escalas geográficas (do local ao global ao local). Que o espaço geográfico seja sempre analisado de uma perspectiva relacional, ainda que o recorte do conteúdo, num determinado momento, seja na escala local.

A prática do professor de Geografia deve ter coerência teórica interna, evitando o ecletismo gerador de confusões entre as correntes geográficas.

Um quadro conceitual de referência pode ser usado para explicar e entender o espaço geográfico de diferentes maneiras. Cada uma destas maneiras remete a visões de mundo diferentes, algumas vezes opostas.

É preciso lembrar que não há a neutralidade política e o fim das ideologias, cabe ao geógrafo, como educador e pesquisador, ficar atento e manter-se numa postura crítica, em relação ao “saber geográfico”, como ele é produzido e para quem vai servir, o seu vínculo com as relações de poder e de classes.

É necessário “Fazer Geografia” e “Ensinar Geografia” de forma segura e competente, contribuindo, assim, para a formação de um profissional consciente de seu papel como um cidadão, capaz de refletir, interferir e transformar o seu ambiente, buscando ser, de forma crítica e construtiva, um agente multiplicador do conhecimento, por meio de um processo contínuo de sua construção, principalmente num mundo da contemporaneidade tecnológica.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M.C. **Geografia, ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.

ANDRADE, M.C. **Caminhos e descaminhos da geografia**. São Paulo: Papius, 1989.

ANDRADE, M.C. **Uma geografia para o Século XXI**. São Paulo: Papius, 1994.

AMORIM FILHO, Oswaldo B. A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia. **Sociedade & Natureza**. Uberlândia, v.11, n.21 e 22, p.67-87, jan/dez 1999.

BRUNHES, J. **Geografia humana**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O lugar no/do mundo. São Paulo: Hucitec, 1996.

FERREIRA, C. C.; SIMÕES, N. N. **A evolução do pensamento geográfico**. São Paulo: Gradiva, 1986.

LACOSTE, Y. **A geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra**. São Paulo: Papius, 1988.

MORAES, A. C. R. **Geografia**: Pequena História Crítica. São Paulo: Hucitec, 1987.

MORAES, A. C. R. **A gênese da geografia moderna**. São Paulo: Hucitec, 1989.

MORAES, A. C. R.; COSTA, W. M. da. **Geografia crítica**: a valorização do espaço. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MOREIRA, Ruy. (Org.). **Geografia teoria e crítica**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

SANTOS, M. **A natureza do espaço técnica e tempo razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SANTOS, M. **Novos rumos da geografia brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, M. **O trabalho do geógrafo no terceiro mundo**. São Paulo: Hucitec, 1991.

Data do recebimento: 18 de julho de 2014

Data da avaliação: 18 de Julho de 2014

Data de aceite: 21 de Julho de 2014

1 Doutorando em Geografia pela UFS/SE; Docente da Universidade Tiradentes; Grupo de Pesquisa Sociedade, Educação, História e Memória(UNIT). E-mail: rodriguesauro@gmail.com

2 Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe; Docente da Universidade Tiradentes; Grupo de Pesquisa Sociedade, Educação, História e Memória (UNIT). E-mail: adailtonbarroso@gmail.com

3 Doutoranda em Educação pela PUC/RS/UNIT/SE; Docente da Universidade Tiradentes e Secretaria de Estado da Educação de Sergipe; Grupo de Pesquisa Comunicação, Educação e Sociedade (UNIT):. E-mail ritadte@gmail.com

4 Acadêmico do curso de Geografia pela Universidade Tiradentes (6º Período); Grupo de Pesquisa Sociedade, Educação, História e Memória(UNIT). Campus Centro – Aracaju. E-mail: danielvieirasst@hotmail.com